

“Brasil não é país que pode ficar a cada ano em crise com credores”

por Cláudia Safatle
de Brasília

O ex-ministro da Fazenda, Dilson Funaro, explicou ontem, em pronunciamento numa sessão da Comissão da Dívida Externa no Senado Federal, que, na sua concepção, o grande problema da dívida externa é o seu custo e o tempo de refinanciamento, “porque o Brasil não é um país que possa ficar, a cada ano, em crise com os credores. Por isso apresentamos um plano de financiamento para quatro anos”.

Sua proposta para o primeiro caso — o custo da dívida — era buscar

“spreads” de no máximo 0,82%, obtidos pelo México e pela Argentina e transformar “prime rate” em “Libor”. Com essas duas providências, aplicadas sobre o estoque da dívida, o País economizaria US\$ 1 bilhão por ano, cifra que, somada a mais US\$ 3 bilhões em financiamentos (Banco Mundial, US\$ 1 bilhão líquido e mais de US\$ 2 bilhões entre bancos privados e Eximbank), totalizaria o que o País precisa em dinheiro novo para financiar o crescimento interno.

Funaro esclareceu que a sua sugestão aos credores era transformar parte dos

juros devidos (e hoje sob suspensão de pagamentos) em investimentos de risco, para preservar o fluxo de caixa do País a cada ano. Ele não defendia a conversão de dívida do principal em investimento de risco, pois, neste caso, entre outras desvantagens, não se criaria um sistema de vasos comunicantes, estabelecendo uma espécie de mercado secundário onde os pequenos bancos credores se livrariam de suas posições no Brasil, e para os que fizessem a conversão, o governo permitiria prazos diferenciados de remessa de dividendos, conforme as prioridades para o país.

Funaro disse ainda que a suspensão dos pagamentos de juros dos bancos privados representa para o País uma economia de cerca de US\$ 5 bilhões no ano dos quais US\$ 4 bilhões deveriam ser refinanciados, normalizando a situação do País. O ex-ministro fez um relato sobre a sua experiência como negociador brasileiro. “Os primeiros oito meses passei conver-



Dilson Funaro

sando com paredes de concreto, postura dos credores que, nos meses seguintes, foram-se tornando mais flexíveis.”

Assegurou que, durante sua gestão, foram descobertos apenas dois casos de subfaturamento de lucros por empresas nacionais (“duas cooperativas do Sul”), em resposta à indagação do senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP) sobre o processo de auditoria da dívida externa.